



## A CORDA COMO ESPAÇO DE TENSÕES E SIGNIFICAÇÕES NA FESTA DE NAZARÉ EM BELÉM DO PARÁ\*

Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida\*\*  
Universidade da Amazônia – UNAMA/PA  
[ivone.xavier@unama.br](mailto:ivone.xavier@unama.br)

**RESUMO:** A corda é, juntamente com a Santa e a berlinda, um dos signos mais antigos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, festa religiosa ligada ao catolicismo devocional que acontece na Cidade de Belém/PA, há mais de duzentos anos. Este artigo pretende investigar a Corda como parte integrante da Festa de Nazaré. Sua vitalidade e permanência advém das disputas e embates travadas por setores populares e elite dirigente da Festa. A análise deste signo da festividade como espaço onde se processa o fenômeno luta cultural encontra amparo nas discussões teóricas de Stuart Hall (2006). Na mesma proporção, considerar a corda como espaço de tensão e disputa é percebê-la, como o momento da *articulação de diferenças culturais*, ou melhor dizendo, o *entre-lugar*.

**PALAVRA-CHAVES:** Catolicismo Devocional – Luta Cultural – Entre-Lugar

## THE ROPE AS SPACE OF TENSIONS AND MEANINGS IN NAZARÉ'S PARTY, BELÉM DO PARÁ

**ABSTRACT:** The rope it is, together with the Saint and the “berlinda”, one of the oldest symbols of Círio de Nossa Senhora on religious party connected to the catholicism of devotion that happens in the City of Belém/PA, there are over two hundred years. This article intends to investigate the rope as integrant part of the party of Nazaré. Its vitality and remained contains is based on the wheeling and dealing fought for popular sectors and the elite who drives the party. The analysis of this party symbol as a space where you can find the phenomenon of the cultural fight, that finds support on the theoretical discussions of Stuart Hall (2006). On the same proportion, considerer the rope as a space of tension and dispute is realize it as the moment of *articulation on the cultural differences*, or better saying, the *between-place*.

**KEYWORDS:** Devotional Catholicism – Cultural Fight – Between-Place

---

\* Este artigo é parte integrante da tese Círio da Nazaré: A festa da Fé e suas (re)significações culturais 1970-2008, defendida no programa de Doutorado em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –PUC/SP, 2010.

\*\* Doutora em História Social Puc/SP. Professora Titular do Centro de Ciências Humanas e Educação – CCHE e do Programa de Pós-Graduação/Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura-PPGCLC da Universidade da Amazônia-Unama.

## APRESENTANDO A CORDA

O Círio de Nazaré é uma festa que ocorre, anualmente, na cidade de Belém do Pará, mais especificamente no segundo domingo do mês de outubro. Sua estrutura ritualística tem suas origens no catolicismo devocional que surge em Portugal por volta do século XV como reflexo das devoções marianas.<sup>1</sup>

A Santa louvada no Círio de Nazaré, em Belém, é a Nossa Senhora de Nazaré, que, até o final do século XIX, era chamada de Nossa Senhora de Nazaré do Desterro. Conforme indicam os vários estudos, até 1789, a Festa em louvor a Nossa Senhora de Nazaré era marcada pelas ladainhas e novenas no local do achado da Santa. Todavia, em 1790, a Igreja Católica autoriza a realização da festa pública em homenagem à Virgem de Nazaré, marcando, a partir de então, a oficialização, por parte da Santa Sé, da Festa de Nazaré. A primeira procissão, ou o primeiro Círio oficial, ocorreu em 1793, a mando do então presidente da Província, em agradecimento por graça alcançada.

A partir da “oficialização” do Círio pela Santa Sé, a estrutura ritualística da Festa passa a ser assumida pela Igreja Católica, inclusive com a introdução de alguns dos símbolos sacros mantidos até hoje, como é o caso da berlinda, da corda, do barco dos anjos e do carro dos milagres.

De acordo com o historiador Carlos Roque,<sup>2</sup> Círio vem do latim *Cereus*, que, etimologicamente, significa “grande vela”, e, em Portugal e no Pará, é a designação dada às romarias e procissões. Os diversos estudos produzidos por historiadores e memorialistas<sup>3</sup> sobre o Círio concordam com a tese de que a Festa de Nazaré é resultado do processo de catequização dos índios Tupinambá pelos padres jesuítas, os quais trouxeram, em suas bagagens, a devoção a Nossa Senhora. Devoção esta, sustentada pela narrativa mítica do achado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré pelo personagem Plácido, o típico caboclo – pobre e humilde – representante da classe

---

<sup>1</sup> COELHO, Geraldo Mártires. Catolicismo devocional: o culto da Virgem de Nazaré no Pará Colonial. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris. (Orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

<sup>2</sup> ROQUE, Carlos. **História geral de Belém do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 1974.

<sup>3</sup> VIANNA, Arthur. **Festas Populares do Pará: I - A Festa de Nazareth**. Belém: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1904; DUBOIS, Pe. Florêncio. **A Devoção à Virgem de Nazaré em Belém do Pará**. Belém: Imprensa Oficial, 1953; CRUZ, Ernesto. **O uso da berlinda de Nossa Senhora de Nazaré**. Belém: UFPA, 1967; MOREIRA, Eidorfe. **Visão geo-social do Círio**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1971; ROQUE, Carlos. **História geral de Belém do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 1974.

pauperizada e desprovida de bens materiais, que compunha parcela significativa da população da Província de Belém do Grão Pará oitocentista.

A realização do primeiro Círio em terras paraenses, precisamente na tarde de 08 de setembro de 1793,<sup>4</sup> ocorreu com pouca pompa e circunstância. Afora a presença da Santa e de devotos, em pouquíssima coisa lembra o Círio que ocorre em tempos de globalização. O primeiro Círio sequer ocorreu em outubro. Aliás, serão necessários vários Círios – realizados em datas e horários desconhecidos – para, finalmente, se decidir pela oficialização do segundo domingo do mês de outubro, pela parte da manhã, como o Dia do Círio. Também o primeiro Círio sequer foi acompanhado por um bispo, apenas um cônego cumpriu as formalidades da procissão.<sup>5</sup>

Do primeiro Círio até hoje, muita coisa mudou. Talvez a única permanência ritualística seja a relação simbólica que o devoto-promesseiro mantém com a Virgem de Nazaré. E, ao longo desses mais de dois séculos de existência, a amplitude social e territorial da Festa, sua estrutura simbólica e ritualística, sua estrutura organizativa, assim como o ritmo e o tempo destinado à sua feitura vêm sofrendo constantes alterações.

Ao observar o Círio na contemporaneidade, algumas questões sobre a corda como parte integrante da Festa emergem. Em outras palavras, a que se atribui a vitalidade e permanência desse signo no Círio de Nazaré? Como os diferentes sujeitos que vivem a Festa, em suas múltiplas dimensões, transitam em seus interstícios e (re) significam relações com os símbolos maiores da Festa de Nazaré e, sobretudo com a corda? A partir de que momento, nesta sua fase atual, e com que significados sociais a inclusão de novos signos e de novas lógicas culturais começa a se agregar à Festividade através da corda, estimulando e intensificando sua (s) (re) invenção (ões)? Como o devoto, o promesseiro, reage às constantes tentativas de ordenamento no tocante às manifestações devocionais e de fé em relação à Santa? Eis algumas questões que este artigo pretende investigar.

---

<sup>4</sup> MONTARROYOS, Heraldo. **Festas profanas e alegrias ruidosas** (A imprensa no Círio). Belém: Falangola, 1993.

<sup>5</sup> À época, o Bispado estava em vacância, e, então, existia apenas um vigário capitular, o Cônego José Monteiro da Cunha, para cumprir as formalidades da procissão. Quando Dom Manuel de Almeida assume o Bispado, no dia 17 de junho de 1794, as regras do culto público estavam todas definidas pelo Estado. Cf.: Ibid.

## ESTICANDO A CORDA

Das doze procissões oficiais da Festa de Nazaré, apenas a Trasladação<sup>6</sup> e a Procissão do Círio<sup>7</sup> possuem a *corda* como elemento simbólico que conduz a Santa em sua berlinda.

Depois de Nossa Senhora de Nazaré, a corda é o elemento simbólico mais representativo do Círio e, também, o mais polêmico, já que, desde a sua “oficialização” como parte integrante do ritual da Procissão do Círio até os dias atuais, tem sido motivo de discórdias entre os diferentes segmentos sociais que *fazem e vivem* a Festa.

De acordo com fontes pesquisadas, a corda foi introduzida na Procissão do Círio de 1855. Nesse ano, a procissão foi conduzida em meio à forte tempestade que alagou boa parte das ruas onde ocorria seu percurso. Em uma dessas ruas, o carro de bois que puxava a berlinda atolou, e membros da Diretoria da Irmandade de Nazaré tiveram a ideia de arranjar uma grande corda, emprestada às pressas por um comerciante local, para que os fiéis que acompanhavam o cortejo pudessem puxar a berlinda de seu atoleiro. Durante vinte e oito anos, ou seja, do Círio do ano de 1856 ao Círio de 1884, a corda fez parte da procissão como item indispensável no ato de puxar o veículo condutor da Santa e sua berlinda em várias situações de atoleiro.

Todavia, embora a Irmandade da Festa não visse a corda como parte simbólica da procissão, o mesmo não acontecia com os promesseiros e devotos que acompanhavam o cortejo, que já viam nesse signo, sobretudo no ato de segurá-la, uma maneira de pagar promessas feitas à Santa, conduzindo-a até o final da procissão.

No ano de 1868, a Diretoria da Irmandade da Festa reconhece a importância da corda na Procissão do Círio, porém, sua oficialização só ocorre em 1885, ano este em que a corda substitui definitivamente os animais que puxavam a berlinda, que passou,

---

<sup>6</sup> A trasladação da imagem ocorre uma noite antes do Círio, em uma procissão à luz de velas. Simbolicamente visa recordar a lenda do descobrimento da imagem e o retorno ao local de seu primeiro achado. Nesta cerimônia somente a Berlinda (carro onde é levada a imagem de Nossa Senhora) é utilizada, num trajeto em sentido inverso ao do Círio.

<sup>7</sup> Esta procissão reúne centenas de milhares de fiéis (mais de 2 milhões e 300 mil), em um cortejo que, em épocas recentes, chegou a durar cerca de nove horas, e que hoje, devido a uma melhor organização e planejamento por parte da diretoria da festa, demora bem menos, percorrendo uma distância de cerca de cinco quilômetros entre a Catedral Metropolitana e a Basílica de Nazaré. O evento é iniciado às seis horas da manhã com a celebração de uma missa, após a qual os fiéis se postam nas ruas ao longo do trajeto. Às sete horas, o Arcebispo conduz a imagem de Nossa Senhora até a Berlinda, para dar início ao Círio. Antigamente e até o início dos anos 2000, chegava no destino por volta das duas horas da tarde. Hoje, isso acontece antes mesmo do meio-dia. A imagem chega à Basílica de Nazaré, sendo retirada da Berlinda para a celebração litúrgica.

então, a ser conduzida pelos devotos. A autorização para que a corda fosse agregada, definitivamente, ao cortejo foi dada pelo Bispo Dom Macedo Costa que, à época, dirigia a Diocese de Belém.

A oficialização da corda como parte integrante do Círio não a isenta de discórdias. Ao contrário, desde o seu surgimento até os dias atuais, ela tem sido pivô de vários conflitos e disputas políticas entre Diretoria da Festa, Igreja Católica, Estado e devotos.

No início do século XX, o memorialista Arthur Vianna, em obra datada de 1904, incrementa mais essa discórdia ao reclamar da:

Turbamulta dos devotos que enxameam ridiculamente em volta à santa em desrespeitoso desalinho, num atropelo e aglomeração pouco decentes e numa vozeria ensurdecadora. [...] A disputa dos lugares faz-se violentamente aos encontrões, à viva força muitas vezes, entre homens e mulheres promiscuamente, sem recato e sem respeito.<sup>8</sup>

A mesma cena que Vianna descreve, no início do século XX, como *ato desrespeitoso*, é definida pelo jornalista Caco Barcelos<sup>9</sup> como a maior e mais intrigante manifestação de devoção e fé, já que, por meio da corda, homens e mulheres se unem, como em um terço gigantesco, para agradecer a graça alcançada.

Ao longo dos quase cinco quilômetros de procissão, o sacrifício de cada um dos promesseiros pode ser percebido nos rostos, nos pés descalços e nas mãos calejadas que se agarram ao meio palmo de promessa mais disputado da procissão. Um sacrifício de quase cinco horas, que é recompensado ao final do percurso, quando, em um gesto de fé, os devotos ainda encontram forças para erguer a corda em homenagem à Virgem de Nazaré.

A seguir, algumas fotos da corda nos Círios de 1974, 2003 e 2008.

---

<sup>8</sup> VIANNA, Arthur. **Festas Populares do Pará: I - A Festa de Nazareth**. Belém: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1904.

<sup>9</sup> Comentário feito no programa “Profissão Repórter”, exibido pela Rede Globo de Televisão, no dia 14 de outubro de 2008.



**Fotografia 01** – Fiéis “puxando” a corda – Círio de 1974<sup>10</sup>



**Fotografia 02** – Corda sendo conduzida por devotos – Círio de 2003<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Fotografia de autoria desconhecida. **Jornal A Província do Pará**, Caderno Atualidades, p. 03, 09 out. 1974.

<sup>11</sup> Fotografia de autoria desconhecida. Disponível em: **Diretoria da Festa de Nazaré** – Círio de Nazaré. <[www.ciriodenazare.com.br](http://www.ciriodenazare.com.br)>.



**Fotografia 03** – Fiéis conduzindo a corda – Círio de 2008<sup>12</sup>

Essas três fotografias da Procissão dos Círios de 1974, 2003 e 2008, embora produzidas por diferentes profissionais, registram a mesma cena, em ângulos diferentes – a corda sendo “levantada” pelos devotos em louvor à Virgem de Nazaré. Esse gesto, repetido sucessivas vezes, tanto na Trasladação quanto na Procissão do Círio, tem a função de “esticar” a corda e facilitar sua condução durante o cortejo. Contudo, de uma função meramente organizacional, tem-se o surgimento de outra significação, criada pelos condutores desse signo e considerada por eles a mais importante: homenagear Nossa Senhora de Nazaré. Sobre esse gesto, o promesseiro Carlos Alberto diz:

A gente fica totalmente espremido em um espaço mínimo. Tem momentos que a gente nem toca no chão, vai sendo conduzido. Dá para sentir todo o peso das pessoas à sua volta. [...] Mas a maior emoção que eu sinto na corda é quando ela é levantada, a gente grita em louvor a Nossa Senhora [...] Quando a gente grita “Nossa Senhora de Nazaré”, é um sentimento tão forte, parece que as forças voltam pro teu corpo [...] Aí ninguém agüenta e o choro vem que a gente nem sente [...].<sup>13</sup>

É interessante perceber que, não obstante a corda se torne um dos signos mais polêmicos da Festa de Nazaré e, historicamente, o que mais sofreu com as diversas tentativas de ordenamento por parte do poder eclesiástico, é ela quem representa o poder

<sup>12</sup> Fotografia de Marcelo Aguiar, publicada no **Jornal O Liberal** (Caderno Atualidades, p. 34, 12 out. 2008.)

<sup>13</sup> Carlos Alberto das Chagas, 29 anos, solteiro, paraense, original do município de Marapanim, acompanha a Procissão do Círio, há 12 anos, na corda. Faz parte da Associação Amigos da Corda. Entrevista concedida, em frente ao CAN, em 12 de outubro de 2008.

da cultura popular na Festividade, e é *nela* e através *dela* que se pode claramente visualizar o fenômeno da *dialética da luta cultural* definido por Stuart Hall, ao dizer que:

Creio que há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular; para cercá-la e confinar suas definições e formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas.<sup>14</sup>

A primeira polêmica envolvendo a corda ocorreu no ano de 1926, gerada por Dom Irineu Joffily, então arcebispo de Belém. Dom Irineu desejou corrigir o que ele considerava algumas irregularidades que *deslustravam a procissão*.<sup>15</sup> Ele achava uma *indecência* homens e mulheres se avolumarem em torno da corda, e autorizou a sua retirada da procissão. Mas, essa foi a última de uma série de reformas que Dom Irineu implantou em seu bispado. Todavia, todas as reformas no Círio por ele implantadas geraram desgostos diversos. A primeira mudança consistiu na retirada das rodas de madeira de todos os carros, inclusive da berlinda, que passou a ser conduzida nos ombros de homens que representavam as corporações marítimas e de outros indicados pela Diretoria da Festa. A segunda mudança foi a proibição da presença de “anjos” desfilando em cavalos enfeitados. De acordo com o jornalista João Carlos Pereira:

A mordomia do clero e das autoridades civis foi limada do Círio. Quem quisesse acompanhar a procissão, que fosse a pé. Os marujos que faziam uma coreografia imitando as ondas, também foram excluídos. Sua excelência achava aquele remelexo ousado demais. Sob sua batuta moralizadora, o Círio passaria a ter alas de pias associações e de escolas, com seus respectivos estandartes. Carros e charretes iam ao final do cortejo.<sup>16</sup>

Ainda de acordo com João Carlos, o bispo Dom Irineu tinha tudo para entrar para a história como o grande reformador moral dos costumes do povo de Belém, não

---

<sup>14</sup> HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 239.

<sup>15</sup> ROQUE, Carlos. **História geral de Belém do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 1974, p. 67.

<sup>16</sup> **Jornal O Liberal**, p. 34, 12 out. 2008.



fosse a ação do então interventor de Belém, Tenente Joaquim Cardoso de Magalhães Barata, que, ao contrário de Dom Irineu, gostava da corda.

Assim, por ordem de Magalhães Barata, seus correligionários começaram a divulgar, na imprensa local, notas que “revelavam” o desejo popular de ver de volta a corda. Era uma verdadeira batalha envolvendo o poder clerical e o Estado interventor. “A briga ganhou dimensões tão exageradas que foi bater na mesa do Ministro do Exterior, a fim de que, com a interferência do Núncio Apostólico – representante diplomático da Santa Sé – ajudasse a resolver a situação”.<sup>17</sup>

Essa querela teve a duração de quatro anos e, nesse período, a insatisfação popular contra os atos reformistas de Dom Irineu só aumentavam. A situação chegou a tal ponto que o bispo se viu forçado a renunciar ao mandato. Em 1931, com a renúncia de Dom Irineu, foi designado para assumir a arquidiocese de Belém Dom Antônio de Almeida Lustosa. Mas, enquanto aguardava-se a chegada do novo arcebispo, quem respondeu interinamente pela arquidiocese foi o vigário-capitular, Monsenhor Argemiro Pantoja, que também foi alvo da ira do interventor Magalhães Barata, quando, em entrevista concedida ao Jornal A Boa Nova, reafirmou a disposição de manter as proibições impostas por Dom Irineu Joffily:

Corria o mês de agosto e Barata conseguiu orquestrar uma campanha pela volta da corda. No dia 02 de outubro, a cidade era um barril de pólvora com pavio aceso. Alunos do Paes de Carvalho (à época Ginásio Paraense), da Escola Normal, da Fênix Caixerai, da Escola Prática e do Comércio, dos membros da Legião de Outubro, dos Bombeiros Voluntários, da Companhia Paraense de Eletricidade, da Limpeza Pública e de muitos outros órgãos do governo, além da população, saíram em passeata. [...] Na véspera, monsenhor Argemiro havia estado na residência de Magalhães Barata para anunciar ao interventor a decisão do Núncio de manter as determinações de Dom Irineu. Dom Argemiro voltou para casa, sabendo que Barata colocaria nas ruas um Círio Civil, sem a presença dos padres e da Igreja. [...] Magalhães Barata enviou um telegrama ao Ministro do Exterior com os seguintes dizeres: “irei usar os mesmos métodos que empregou o ex-governador Dionízio Bentes, quando escoltou a procissão de 1926, conduzindo armamentos em carroças, enquanto policiais a acompanhavam armados de sabre, calcando assim os sentimentos religiosos daqueles que pensam e sentem como eu”. [...] A três dias do Círio, o secretário particular de Dom Argemiro foi à casa do interventor para avisar que o Núncio Apostólico havia autorizado a realização do evento, segundo a vontade do povo. Quando a notícia chegou aos ouvidos da população, Belém se transformou numa grande festa e durante todo o dia foguetórios irrompiam em diferentes bairros.

<sup>17</sup> ROQUE, Carlos. **História geral de Belém do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 1974, p. 67.

Na manhã de 11 de outubro de 1931, o Círio saiu da catedral às 8 horas. A corda ia atrelada à berlinda e era puxada apenas por homens escolhidos pela Diretoria da Festa e pelo interventor.<sup>18</sup>

Esse episódio envolvendo a corda e a figura do interventor populista do Pará, Magalhães Barata, citado em várias fontes pesquisadas, é quase sempre recontado nos encartes especiais publicados pelos jornais locais no período da quadra nazarena, e, ao mesmo tempo em que reforça a memória social da Festa, serve também para manter e aumentar a relação simbólica que o devoto mantém com a Santa através da corda, já que ela (a corda) pode ser considerada o elemento mediático da troca simbólica realizada entre devoto e Santa. Segundo Brandão,<sup>19</sup> esse “sacrifício contratual” está presente nas dádivas dos deuses, ou, nesse caso, na Nossa Senhora de Nazaré. O objetivo é retribuir uma graça alcançada ou, no mínimo, comprar a paz e a harmonia do devoto perante a Santa. “Assim, os participantes investem na festa como um dever e recebem alguma coisa dela, como um direito”.<sup>20</sup>

À medida que a Festa de Nazaré vai se alargando, sobretudo a partir da década de 80 do século XX, o fluxo de devotos que acompanham o Círio na corda só tem aumentado. Atualmente, segundo informações do DIEESE-PA,<sup>21</sup> cerca de sete mil homens e mulheres enfileirados lado a lado puxam a corda que faz a berlinda que conduz a Santa se movimentar. Até o ano de 1998, a corda era *amarrada* à berlinda, e eram os promesseiros que conduziam o cortejo e impunham ritmo à procissão.

Mas a década de 90 do século XX pode ser considerada um período crucial para a manutenção e a sobrevivência da corda como elemento simbólico da Festa de Nazaré. É durante todo esse período que várias experiências envolvendo esse signo são testadas, objetivando, principalmente, o fluxo contínuo do cortejo, com poucas paradas durante o percurso. Mas o Círio do ano de 1994 – um dos mais longos da história da Festividade – fez com que a Diretoria da Festa buscasse outras alternativas para garantir a execução do cortejo em um tempo médio de quatro horas.

Assim, no Círio de 1995, a opção aprovada pela Diretoria foi permitir que a berlinda fosse conduzida apenas pelos homens da Guarda da Santa, que teriam a

---

<sup>18</sup> **Jornal O Liberal**, Caderno Atualidades, p. 31, 12 out. 2008.

<sup>19</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 41.

<sup>21</sup> DIEESE-PA - **Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - Pará**. Site institucional. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br>>. Acesso em: 25 out. 2008.

incumbência de levá-la da Igreja da Sé até a esquina da Avenida Boulevard Castilhos França com a Avenida Portugal, para lá ser então amarrada à corda. Todavia, um grupo de promesseiros, insatisfeito com a mudança, decidiu voltar com a corda até a Catedral para reiniciar o cortejo. Neste ano, a corda não foi amarrada à berlinda.

No ano de 1996, a Diretoria manteve a decisão de juntar a berlinda à corda no local definido no ano anterior, mas, apesar de todos os esforços da Diretoria da Festa, o Círio só chegou à Basílica de Nazaré às 13h45min. No ano seguinte, os problemas foram tamanhos que a berlinda chegou muito antes – horas – da corda. Já no ano de 1998, corda e berlinda se separaram à altura da Praça “Pedro Teixeira”. No Círio de 1999, a *amarração* da corda dá lugar ao *atrelamento* à berlinda através de argolas metálicas.



**Fotografia 04** – Atrelamento da corda à berlinda pela Guarda da Santa, com destaque para as argolas metálicas<sup>22</sup>

E, nesse ano, o atrelamento ocorreu no Boulevard Castilhos França, 400 metros depois da saída da procissão, já na altura do Mercado do Ver-o-Peso. Todavia, a substituição da *amarração* pelo *atrelamento* não impediu que o Círio de 1999 chegasse seis horas depois do início da procissão, e a corda, puxada pelos promesseiros, às 14h30min, na Praça do CAN, encontrando apenas o padre barnabita Alcir da Conceição, que deu uma benção aos promesseiros. Regina Alves,<sup>23</sup> em sua dissertação de Mestrado

<sup>22</sup> Fotografia de Oswaldo Forte. **Jornal O Liberal**, Caderno Atualidades, p. 03, 10 out. 2008.

<sup>23</sup> ALVES, Regina. **Círio de Nazaré: da Taba Marajoara à Aldeia Global**. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

sobre o Círio, cita depoimento de Carlos Alberto Ramos Lacerda, que acompanha o Círio há mais de vinte anos e faz parte do Grupo Amigos da Corda, coletado nesse ano de 1999, extremamente ilustrativo para a questão acima citada. Eis o depoimento: “[...] esses prédios todinhos não abandonaram a gente. Jogavam papel e balão, cantavam Nossa Senhora para nós. A gente dizia uns para os outros: a nossa fé é a santa e a corda. A Santa nós perdemos, mas a corda não vamos perder não”.<sup>24</sup>

Também no ano de 1999, existem registros da implantação, por parte da Diretoria da Festa, de *animadores* em pontos estratégicos da corda. A função dos animadores foi a de coordenar o andamento da corda. Mas, de acordo com jornais da época, a função foi muito mais além: unir as vozes dos romeiros em uma só voz. “Ao todo, 300 pessoas, tanto na trasladação quanto na procissão de domingo, ao longo dos 420 metros de extensão da corda, levaram palavras de amor, consolo aos cerca de 5 mil promesseiros que se sacrificam em nome da fé na corda de Nossa Senhora de Nazaré”.<sup>25</sup>

Segundo informações da Diretoria da Festa, como são os promesseiros da corda que dão ritmo à procissão, em alguns anos, ela precisou ser desatrelada (retirada da corda das argolas metálicas) antes do término da romaria, para que o Círio pudesse seguir mais rapidamente. O atrelamento da corda à berlinda é feito através de um sistema de aros e ganchos, trazido de São Paulo pelo diretor benemérito Evandro Bonna, que permite realizar a operação em menos de cinco minutos.



**Fotografia 05** – Corda – Círio de 2007<sup>26</sup>

<sup>24</sup> ALVES, Regina. **Círio de Nazaré**: da Taba Marajoara à Aldeia Global. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2002, f. 33-34.

<sup>25</sup> **Jornal O Liberal**, p. 10, 09 out. 1999.

<sup>26</sup> Fotografia de Rosângela Aguiar. Disponível em: **Diretoria da Festa de Nazaré** – Círio de Nazaré <[www.ciriodenazare.com.br](http://www.ciriodenazare.com.br)>.

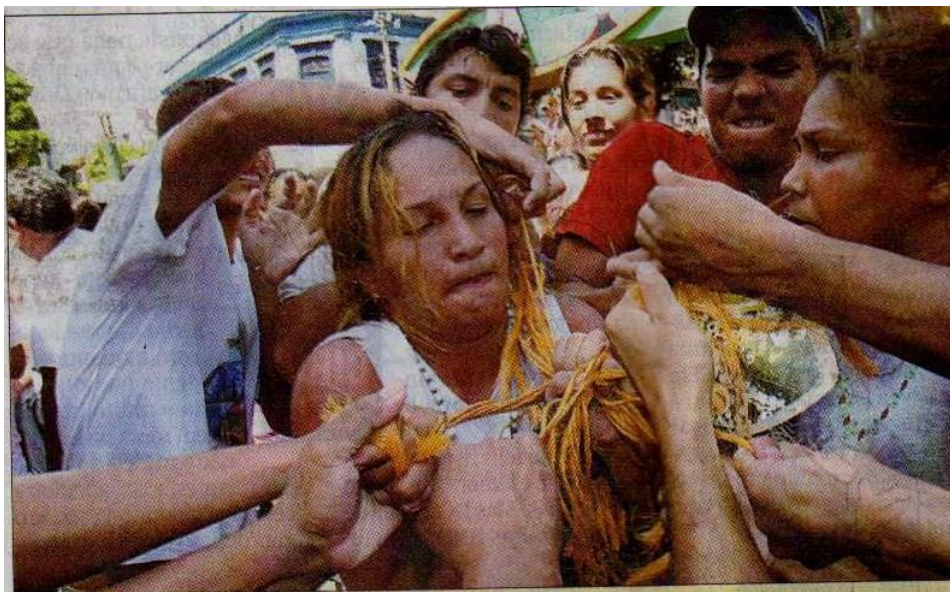
Até 2003, o formato da corda era de “U”, ou seja, as duas extremidades da corda eram atreladas à berlinda. De acordo com a Diretoria da Festa, a partir de 2004, por motivos de segurança, a corda ganhou formato linear, intercalado por um triângulo, ao qual o outro ponto da corda estava ligado. Vista do alto, a corda se assemelha a um terço, o que deu origem às chamadas *estações da corda*. Ao todo, são cinco estações e, em cada uma delas, há a presença constante dos chamados *animadores da corda* que têm a função de estimular – por meio de palavras de ordem, cânticos e orações – os promesseiros das estações a avançar no cortejo.

Atualmente, o desatrelamento da corda à berlinda ocorre de forma planejada. A primeira estação a desatrelar é última, ou seja, a estação cinco. E assim, de forma decrescente, cada estação, após a determinação do animador, inicia o processo de desatrelamento. É interessante notar que, com a implantação do atrelamento e desatrelamento da corda, uma nova relação entre devoto/promesseiro e corda vai sendo introduzida no Círio, que é a de *cortar* pedaços da corda e levar como *lembrança* da promessa paga. Para executar essa operação delicada, muitos promesseiros levam consigo objetos cortantes (facas, canivetes, tesouras) que, ao sinal de desatrelamento, retiram de suas roupas e iniciam uma disputa ferrenha pela posse do objeto adorado – a corda.

Essa imagem foi ricamente registrada pelas filmadoras da equipe de reportagem do programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo, que foi ao ar na noite da terça-feira pós-Círio.<sup>27</sup> O apresentador do programa, o jornalista Caco Barcelos, ao narrar a cena surreal dos devotos formando uma massa compacta, atacadada à corda, comparou-a com as cenas da queda do Muro de Berlin, quando os alemães, ao assistirem à derrubada do elemento simbólico da opressão, passaram a disputar pedaços de pedra e cimento que caíam à volta para serem utilizados como uma espécie de amuleto e também como lembrança viva de um momento ímpar na história da humanidade.

---

<sup>27</sup> Dia 14 de outubro de 2008.



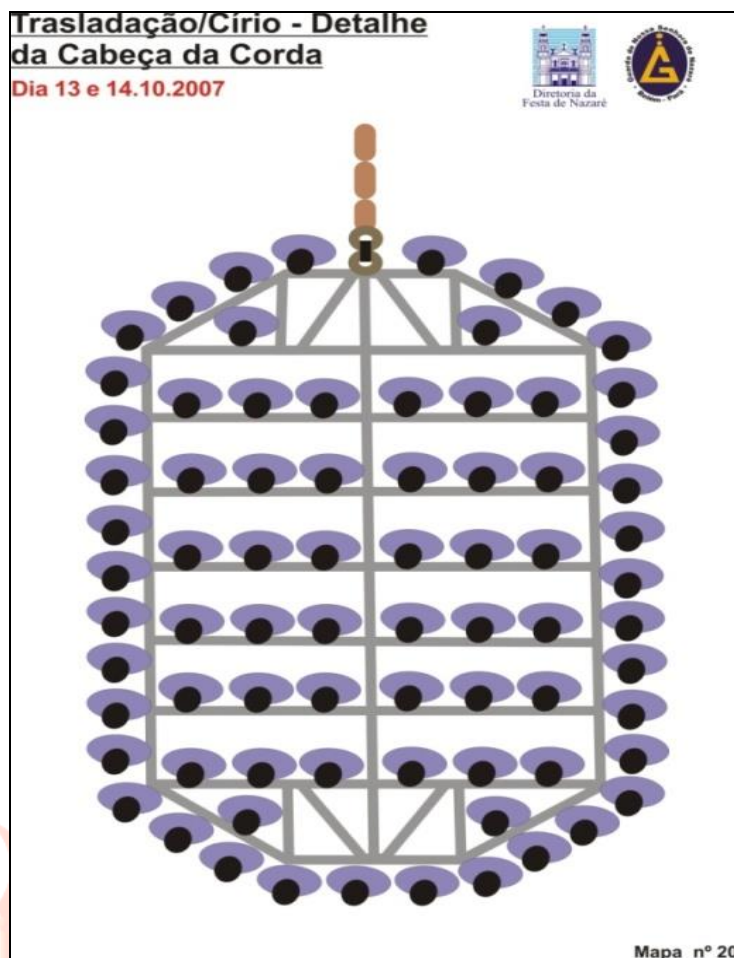
**Fotografia 06** – Fiéis “cortando” a corda – Círio de 2007<sup>28</sup>

A imagem acima, capturada pela lente da fotógrafa Camila Lima, evidencia a disputa ferrenha entre devotos por um ínfimo pedaço da corda, ou melhor, do que sobrou do enorme pedaço de sisal torcido que compunha uma das cinco estações, após seu desatrelamento. Na imagem, fios da corda são agarrados por mãos de homens e mulheres que, aos empurrões, puxam pequenos barbantes os quais, depois, serão ainda desmembrados em ínfimos pedaços e doados para familiares e amigos que irão guardá-los em diversos lugares. Alguns usarão como adorno em imagens de Nossa Senhora de Nazaré; outros colocarão atrás da porta de entrada de residências ou dentro de bolsas e carteiras. Nesse momento, a corda assume outra função simbólica, fruto de novas (re) significações atribuídas por devotos e promesseiros, uma vez que passa a ser vista como um objeto sagrado, capaz, ao lado da Virgem de Nazaré, de proteger quem o possui.

Além das cinco estações, a estrutura da corda também possui um espaço conhecido como “Cabeça da Corda”.

---

<sup>28</sup> Fotografia de Camila Lima. **Jornal O Liberal**, Caderno Atualidades, p. 09, 15 out. 2007.



**Figura 01** – Representação da “Cabeça da Corda”.<sup>29</sup>

A figura acima representa a divisão espacial de uma parte da corda conhecida como “cabeça da corda”, um espaço em formato de hexágono, onde cabem aproximadamente oitenta pessoas. É essa “estrutura” que realmente puxa a corda, já que a ela ficam atreladas as cinco estações – cada estação compreende 50 metros de corda – que “puxam” o núcleo da berlinda, como pode ser visualizado nas imagens abaixo.

<sup>29</sup> Arquivo da Diretoria da Festa (2007).



**Fotografia 07** – “Cabeça da Corda” conduzida pela Guarda da Santa, que também conduz a berlinda – Círio de 2006<sup>30</sup>



**Fotografia 08** – Berlinda no interior da “Cabeça da Corda”, conduzida pela Guarda da Santa – Círio de 2007<sup>31</sup>

Segundo Kleber Vieira, o núcleo da berlinda é um triângulo de alumínio aeronáutico – material usado na fabricação de aeronaves –, resistente, porém de peso

<sup>30</sup> Fotografia de Rosângela Aguiar. Disponível em: **Diretoria da Festa de Nazaré – Círio de Nazaré** <[www.ciriodenazare.com.br](http://www.ciriodenazare.com.br)>.

<sup>31</sup> Ibid.



sustentável, que é atrelado à berlinda logo em frente ao freio, aonde vão os Guardas da Santa.<sup>32</sup>

Quem observa de fora o fluxo rítmico de homens e mulheres, em passos miúdos e cadenciados, “puxando” a corda, não imagina a quantidade de cálculos e estudos – físicos e matemáticos – que foram realizados para garantir firmeza e controle aos “puxadores” da corda nas duas procissões – Trasladação e Círio – em que esse signo se faz presente. A mudança do formato estrutural da corda de “U” para formato linear foi fruto de muito estudo realizado pelo engenheiro João Carlos Oliveira, que, no ano de 2004, era o Diretor do Círio. Na verdade, a proposta de João Carlos era de fazer uma corda única, porém, como informou Sergio Silva Parente:

[...] Se a corda fosse totalmente linear, ela iria perder o controle e na primeira esquina que dobrasse iria causar acidentes como pisoteamentos e esmagamentos. Então foi convidado para projetar a nova estrutura da corda o professor de Cálculo Estrutural da UFPa – Universidade Federal do Pará – Nagib Charone, que trouxe finalmente a estrutura da corda linear com as estações, o núcleo da berlinda e a cabeça do núcleo, todo em material de alumínio aeronáutico.<sup>33</sup>

Geralmente, a corda que sustenta o peso da fé possui 420 metros de comprimento, pesa 700 quilos e possui três polegadas de diâmetro em titan torcido de puro sisal.

Até 2005, a corda foi produzida por uma empresa do estado da Paraíba, a Brascorda. A partir de 2006, com o fechamento da Brascorda, a produção ficou sob a responsabilidade da empresa Cordafios Indústria e Comércio de Produtos Têxteis Ltda., localizada na cidade de Salvador – Bahia.

O descobrimento da falência da empresa Brascorda pela Diretoria da Festa, praticamente às portas da realização do Círio de 2006, deixou Kleber Vieira à beira de um ataque cardíaco. Eis seu relato:

Até o ano de 2005, nossas encomendas eram feitas pela empresa Brascorda, que ficava no estado da Paraíba, até que a mesma faliu, causando-nos um problema terrível, já que no ano seguinte não fomos avisados da falência. Já no ano de 2006, próximo ao período da

---

<sup>32</sup> Kleber Vieira, 47 anos, casado, paraense, empresário. É membro da Diretoria da Festa. No Círio de 2007, respondeu pela função de Diretor da Procissão. Entrevista concedida, na sala da Diretoria da Festa de Nazaré, localizada nas dependências da Basílica Santuário, em 02 de dezembro de 2007.

<sup>33</sup> Sergio Silva Parente, 48 anos, casado, paraense. É membro da Diretoria da Festa. Diretor do Círio no ano de 2004 e, em 2007, ocupou a função de diretor da quarta estação. Depoimento coletado na sala da Diretoria da Festa de Nazaré, localizada nas dependências da Basílica Santuário, em 02 de dezembro de 2007.

encomenda da corda, tentamos exaustivamente contato sem nenhuma resposta. Até que ligamos para um “0800 desses da vida” lá na Paraíba e nos informaram que a fábrica havia fechado. Foi um desespero! Não sabíamos que outra empresa poderia atender o nosso pedido e de qualquer maneira já havíamos perdido muito tempo. Porém, devido ao bispo Dom Orani Tempesta, que, ao convidar vários padres e bispos de outros estados para acompanharem a procissão, deu grande visibilidade ao Círio, mandei um *e-mail* a uma empresa têxtil contando a nossa história. Eles, então, ao saber do que se tratava, nos repassaram o contato da empresa Cordafios, na Bahia, que se solicitou em atender nosso pedido às pressas. Mesmo assim, fiquei tão preocupado em saber se eles iriam fabricar como o de costume que pagamos a passagem de ida e volta de um dos funcionários da empresa para vir à Belém ver a corda do ano de 2005 e fazer igual. Nesse ano, a corda nos foi entregue apenas no final de setembro. Cheguei a pensar que meu coração não ia aguentar.<sup>34</sup>

Nos últimos anos, é somente ao término da missa que a corda, puxada pelos promesseiros, chega ao CAN, fato provocado pelo desatrelamento da berlinda à corda, que normalmente acontece na entrada da Avenida Nazaré.

Regina Alves considera que o fato de a corda ser desligada da berlinda não implica na perda da ligação simbólica, já que ela (a corda) é conduzida até o ponto final da romaria. Considerações teóricas à parte, o fato é que a corda, a partir dos anos 80 do século XX, tem sido acusada constantemente de atrasar o cortejo e, inclusive, de impedir o deslocamento da Santa. Nesse sentido, esse signo expressivo da Festividade de Nazaré pode ser considerado como o pivô de sucessivas querelas envolvendo autoridades civis e eclesiásticas e promesseiros. De um lado, a Igreja Católica, em seus pronunciamentos, tem desencorajado o extremo sacrifício empregado pelos pagadores de promessas que, desde as primeiras horas da madrugada de domingo, estabelecem uma disputa ferrenha pela posse de um ínfimo pedaço da corda. Nessa disputa, choro, brigas físicas e discussões são muito recorrentes. Em entrevista à Revista Troppo, o Padre Francisco Silva, à época pároco da Basílica de Nazaré e presidente da Diretoria da Festa diz que “o esforço que se faz ali é, muitas vezes, sobre-humano. E a igreja não quer que seus fiéis se machuquem”.<sup>35</sup> Já no ano de 2001, o então coordenador do Círio, João Maroja, com base na observação e cronometragem realizadas pela Diretoria da

---

<sup>34</sup> Palavras de Kleber Vieira, em entrevista concedida em 02 de dezembro de 2007.

<sup>35</sup> A Revista Troppo é um encarte especial do Jornal O Liberal, que circula aos domingos. A mencionada entrevista foi publicada no encarte que circulou em 15 de outubro de 1999, o domingo do Círio do ano de 1999, na página 13.

Festa, durante o Círio de 2000, absolve a corda das acusações, apontando, em entrevista ao Jornal O Liberal, um novo fator para a lentidão da procissão. Diz ele:

[...] A corda é o que menos contribui para este resultado, já que o grande problema para o desenvolvimento regular da romaria prende-se, na verdade, às homenagens, e de modo especial às pessoas que se postam diante das instituições para assisti-las, funcionando como uma barreira humana que impede e dificulta o fluxo normal da procissão.<sup>36</sup>

Com discussão ou sem discussão, o fim da Procissão do Círio deixa cobertas de papel picado de todas as cores as principais ruas do centro urbano de Belém. Latas de refrigerante e de cerveja, copos descartáveis, sacos plásticos e outros detritos ficam espalhados ao longo das vias urbanas. Contudo, ao final da tarde, avista-se um novo cortejo de homens e mulheres que, de vassouras em punho, vão varrendo e jogando o lixo coletado em caminhões da prefeitura de Belém.

\*\*\*\*\*

Ao analisar a corda como espaço de tensão e disputa na Festa de Nazaré, percebo-a, sobretudo, como o momento da *articulação de diferenças culturais*, ou melhor dizendo, o *entre-lugar*<sup>37</sup> que fornece o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular e coletiva – “que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação”,<sup>38</sup> no ato de definir a própria ideia de devoção e fé contida na Festa do Círio. Já que é nos interstícios do ato de puxar a corda que, no Círio, as experiências intersubjetivas e coletivas, o interesse contrário e o valor cultural são negociados. Ou, em outras palavras, é na corda, precisamente, que a tensão cultural se produz performativamente.

Nesse caso, a corda na Festa de Nazaré não se mantém apenas porque representa um elemento da cultura popular ou do catolicismo devocional, ou também em nome de uma tradição cultural. O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação, posto que:

Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição “recebida”. Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm

---

<sup>36</sup> **Jornal O Liberal**, p. 12, 09 out. 2001.

<sup>37</sup> BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 20.

tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso.<sup>39</sup>

Embora a corda seja vista e reconhecida como um elemento simbólico e “tradicional” da Festa, sua existência, resistência e permanência são marcadas por sucessivas disputas por seu controle e ordenação. Entretanto, ao levar em consideração as fontes e os teóricos pesquisados, posso afirmar que as disputas por seu domínio, engendradas pela Diretoria da Festa e clero advêm do fato de que tal símbolo é o que mais fortemente liga o Círio ao chamado catolicismo devocional e, por conseguinte, à noção de cultura popular defendida por Stuart Hall, que insiste que o essencial em uma definição para esse termo advém, especialmente, das relações que colocam esse tipo de cultura em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante, Hall explica:



Trata-se de uma concepção de cultura que se polariza em torno dessa dialética cultural. Considera o domínio das formas e atividades culturais como um campo sempre variável. Em seguida, atenta para as relações que continuamente estruturam esse campo em formações dominantes e subordinadas. Observa o processo pelo qual essas relações de domínio e subordinação são articuladas. Trata-as como um processo: o processo pelo qual algumas coisas são ativamente preferidas para que outras possam ser destronadas. Em seu centro estão as relações de força mutáveis e irregulares que definem o campo da cultura – isto é, a questão da luta cultural e suas muitas formas. Seu principal foco de atenção é a relação entre a cultura e as questões de hegemonia.<sup>40</sup>

Nesse sentido, ao analisar a corda como espaço de *luta cultural*, é possível identificar, ao longo de sua historicidade, as diversas formas assumidas por essa luta. Ainda no século XIX, quando a corda é oficializada pela Santa Sé como parte integrante do Círio – muito embora ela já tivesse esse reconhecimento junto aos devotos e promesseiros –, a *luta* assume a forma da *incorporação*.

A *distorção*, outra etapa desse processo histórico de luta, é evidenciada já no século XX, mais particularmente na década de 20, no bispado de Dom Irineu Joffily, que, em 1926, impõe uma série de reformas à Festa de Nazaré, sendo a mais polêmica a proibição do uso da corda no cortejo sacro. Quando Dom Irineu proíbe o uso da corda,

<sup>39</sup> BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 21.

<sup>40</sup> HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

na busca de moralizar atos e comportamentos considerados abomináveis ao bom cristão, deixa explícita a tentativa de corrigir o que não conhecia, mas que, segundo sua ótica, não cabia em uma festa religiosa. Em seu ato, o arcebispo nada mais faz do que *distorcer* o real sentido da corda para o devoto e, tal qual o efeito de uma pedra jogada em um rio, provoca ondas de protesto, iniciando movimentos de *resistência* e *negociação*. Esses movimentos ou formas de luta estendem-se por todo o século XX e início do século XXI.

A partir de 2004, esse embate assume outra forma, a de *recuperação*, quando a corda em formato de “U” substitui a de formato linear. No entanto, esse último movimento não se limita ao mero reconhecimento da importância da corda para a manutenção e sobrevivência do Círio. Ele vai além, e se coloca como suporte para o sistema de valores e manutenção dos significados atribuídos à Festa por sua elite dirigente.

E é bem provável que o movimento dialético da *luta cultural* que envolve a corda encontre, na forma da *recuperação*, mecanismos que delimitem novos processos ou movimentos de incorporação, distorção, resistência, negociação e, novamente, de recuperação, já que é esse o dinamismo do processo histórico.

Nesse sentido, a tese da *dialética da luta cultural* defendida por Stuart Hall, a partir da grande influência de Raymond Williams,<sup>41</sup> permite compreender que a vitalidade e a permanência da corda na Festa do Círio não existem em decorrência da existência de certa tradição – mesmo considerando a tradição como elemento vital da cultura –, mas sim, em virtude de novos (re) arranjos, frutos de novas sensibilidades acerca do *sentir e fazer* a Festa.

**ARTIGO RECEBIDO EM 12/12/2013. PARECER DADO EM 05/02/2014**

---

<sup>41</sup> WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1970.